

**CARTOGRAFIA SERTANEJA: AS REPRESENTAÇÕES DAS PRÁTICAS
ESPACIAIS VIVIDAS, PERCEBIDAS E
IMAGINADAS EM CAMPO GERAL**

**CARTOGRAFÍA SERTANEJA: LAS REPRESENTACIONES PRÁCTICAS VIVIDAS,
EN GENERAL PERCIBIDAS E IMAGINADAS DEL ESPACIO UNOS CAMPO**

**CARTOGRAPHY OF THE HINTERLAND: REPRESENTATIONS OF LIVED,
PERCEIVED AND EXPERIENCED SPATIAL PRACTICES IN CAMPO GERAL**

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula*

Professora da Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES.

Bolsista FAPEMIG-andreapirapora@yahoo.com.br

Carlos Rodrigues Brandão**

Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia/UFU [-brandao08@ig.com.br](mailto:brandao08@ig.com.br)

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar os tempos, os espaços e os lugares nos Gerais de Minas narrados na novela Campo Geral (Miguilim) de João Guimarães Rosa na qual as percepções dos personagens dos espaços no sertão são vividas, percebidas, imaginadas a partir das representações sociais e espaciais moldadas pela cultura, lembrança, narração, memória coletiva descrita do sertão por um menino de oito anos com sua família, seus amigos, sua vida entre os viventes sertanejos. O trabalho busca também refletir sobre o Campo Geral retratado pelo escritor na década de 1950 e a migração dos sertanejos que continua a ocorrer na região do Norte de Minas Gerais nos dias atuais. Nesta perspectiva as discussões sobre os espaços, sendo construídos, reconstruídos e apropriados no sertão mineiro, indicam o caminho de pesquisa da relação entre o homem e o meio em que vive, ressaltando o componente afetivo da população errante com o lugar, as travessias no e do sertão em busca de espaços de trabalho.

Palavras-Chave: Sertão Mineiro, Campo Geral, Norte de Minas Gerais, Migrações, Memória, Espaço, Lugar.

*Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Pesquisadora e bolsista da FAPEMIG. Rua Sete Lagoas, 1871 - Bairro Cinquentenário. CEP 39.270-000, Pirapora/ MG.

E-mail: andreapirapora@yahoo.com.br

** Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Professor do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociedade e Ambiente (NEPAM) da UNICAMP. Rua Sampaio Ferraz, 392 - Bairro Cambuí. CEP 13.024-431 Campinas/SP. E-mail: brandao08@ig.com.br

Resumen: El objetivo de este trabajo es estudiar los tiempos, los espacios y los lugares en los Gerais de Minas narrados en la novela Campo Geral (Miguilim) de João Guimarães Rosa en la que las percepciones del personaje de los espacios en el interior del país son vividos, imaginados desde el momento de las representaciones sociales y espaciales talladas por cultura, recuerdo, narración, memoria colectiva descrita del interior por uno niño de ocho años con su familia, sus amigos y su vida con los habitantes del interior. El trabajo también busca a pensar en el Campo Geral representado por el escritor en la década de 1950 y la migración de los habitantes del interior que todavía persiste en la región del Norte de Minas Gerais hoy en día. En esta perspectiva las discusiones sobre la construcción, reconstrucción y la apropiación de los espacios en el interior de Minas Gerais indican la ruta de la investigación de la relación entre el hombre y el medio ambiente en que vive, remarcándose la relación afectiva de la población nómada con el lugar y los pasajes en y del interior en búsqueda de espacios de trabajo.

Palabras clave: Sertão Mineiro, Campo Geral, Norte de Minas Gerais, Migración, Memoria, Espacio, Lugar

Abstract: The aim of this work is to study the times, the spaces and the places in Gerais de Minas reported on the novel Campo Geral (Miguilim) from João Guimaraes Rosa in which the personage's perceptions of the spaces in the hinterland are lived, imagined from the moment of the social and spatial representations molded by culture, recollection, narration, collective memory described of the hinterland by an eight years old boy with his family, his friends and his life with the hinterland inhabitants. The work also searches to think about the Campo Geral represented by the writer in the 1950s and the migration of the hinterland inhabitants that continues to occur in the region of North Minas Gerais nowadays. In this perspective the discussions about the construction, reconstruction and appropriation of the spaces in the hinterlands of Minas Gerais indicate the path of research of the relation between man and the environment where they live, standing out the affective relation of the nomadic population with the place and the passages in and of the hinterland in search for spaces of work.

Keywords: Sertão Mineiro, Campo Geral, North of Minas Gerais, Migration, Memory, Space, Place

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS: PRINCIPIAR¹:

*Se pensarmos o verbo “Habitar” com amplitude e sentido suficientes, ele nos apontará a forma como os homens realizam sobre a terra e sob o céu sua migração do nascimento para a morte. Esta migração é multiforme e rica em transformações. Ela permanece sempre fundamental para aquele cuja morada se dá entre céu e terra, nascimento e morte, alegria e tristeza, obra e palavra.
Martin Heidegger citado por Nancy Mangabeira Unger.*

Compreender os espaços vividos e as transformações que ocorrem neles e através deles perpassa a análise da perspectiva do indivíduo nos lugares e os vínculos emocionais que ligam as pessoas ao lugar onde vivem. A esfera do sentimento, profundamente comprometida com as formas de dar valor aos espaços vividos, somente pode ser trabalhada do ponto de vista do indivíduo.

Esta abordagem não prescinde do entendimento das estruturas sociais em uma escala mais ampla, mas privilegia o indivíduo como sujeito da análise. Nesta perspectiva, as discussões sobre a cultura, a memória e as interações entre o homem, o espaço e o tempo indicam o caminho de pesquisa da relação entre o homem e o meio em que vive na região do Norte de Minas Gerais ressaltando o componente afetivo do lugar para a população errante. Homens e mulheres que migram, entre travessias no e do sertão, em busca de espaços de trabalho.

Esta abordagem conceitual permite entender o espaço, a paisagem, o lugar como construção da cultura de um grupo, com e entre as relações das práticas individuais e da percepção da pessoa.

A ruptura dos vínculos sociais e espaciais, a perda dos pontos de referências espaciais, culturais, sociais e religiosos, provoca a dispersão e a perda de dignidade e de identidade. É o desenraizamento das gentes sertanejas:

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus. Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade, a sua fala é chamada “código restrito” pelos lingüistas; seu jeito de viver, “carência cultural”; sua religião, credence ou folclore. Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nesta terra de erosão, (BOSI, 2002:24).

¹ Todos os subtítulos são palavras utilizadas pelo escritor João Guimarães Rosa em sua obra literária.

Para Claval (2001), a cultura torna-se uma aventura individual no momento em que é incorporada pelo grupo onde se vive. A forma que cada um e uma interioriza as práticas individuais dos hábitos, dos modos de viver em grupo, dos gestos, das tradições, torna a cultura à própria diversidade humana, entendendo a dimensão simbólica da representação cultural:

[...] o geógrafo debruça-se sobre os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território no qual vivem ou com o qual sonham [...] A cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se, assim, de uma dimensão simbólica, (CLAVAL, 2001:11,14).

Este trabalho pretende refletir e analisar a novela Campo Geral (Miguilim), de João Guimarães Rosa, que pertence à série das sete novelas de Corpo de Baile, segundo livro do escritor mineiro². Em Campo Geral, o autor se detém na investigação da intimidade de uma família isolada no sertão, destacando-se a figura do menino Miguilim. Campo Geral mostra a apreensão do mundo exterior e a idéia básica de toda a obra roseana: a narrativa do universo do sertão e dos homens e mulheres sendo influenciados e em interação com o mundo natural. Considerando que " O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros,"(BENJAMIN,1994:201). A narrativa é entremeada pelas descrições, pela memória, pela percepção, pela imaginação, pelo vivido no sertão pelo sertanejo.

É objetivo deste trabalho entender através da novela descrita nos Gerais de Minas, nos espaços, nos tempos e nos lugares, qual a percepção dos personagens no sertão vivido, percebido, imaginado. Pensar as representações sociais moldadas através da cultura, da lembrança, da narração, da memória coletiva descrita no sertão por um menino de 8 anos e sua família, seus amigos, sua vida entre os habitantes do sertão.

O olhar o rio, a mata, o cerrado, a vereda, como territorialidade do espaço rural e como temporalidade vivenciada por homens, mulheres na comunidade através dos diversos saberes, das práticas dos sujeitos, das histórias de vidas, das identidades, das tradições, do narrar as estórias, o descrever os mundos entre o real e o imaginário.

² Os dois primeiros volumes da primeira edição de Corpo de Baile foram lançados em janeiro de 1956. Figuravam em dois volumes dispostos como: Campo Geral, A estória de Lélío e Lina, Dão-lalalão e Buriti; e o segundo com Uma Estória de Amor, Recado do Morro e Cara de Bronze.

Vivências sertanejas nos Gerais que possibilitam a construção de uma cartografia simbólica de traços da cultura, da história, dos valores do cotidiano nas transformações em e no grupo e em cada um e uma que permite a compreensão da representação dos espaços vividos, das temporalidades reconhecidas e diferenciadas; identificadas na diversidade do viver entre os símbolos, os significados e os espaços.

A interação entre o homem/natureza. Pássaros, árvores, águas de veredas fazem a paisagem do lugar. E representam o espaço no agir, no ser, no dizer e no transformar o viver, o re-viver, o conviver e o habitar no “sertão de dentro”. Ribeirinhos, sertanejos, beiradeiros, cerradeiros, veredeiros, geralistas³, barranqueiros, agricultores, camponeses que continuam a conviver entre a modernidade e a tradição, entre a opulência e a pobreza extrema, entre a seca e os grandes rios. Disparidades dos mundos dos sertões que mostram e confirmam um “campo geral”⁴ de errâncias.

Gente sertaneja, que apresentados como personagens de JGROSA⁵, retrata a realidade do sertão mineiro. Uma região hoje devastada por extensas áreas de plantações de *eucaliptais*, por latifundiários de gado, de soja e de café e pelas políticas públicas que incentivaram e incentivam grandes proprietários, extensos projetos de irrigação e expulsaram e expulsam intensamente as famílias de pequenos produtores rurais, de trabalhadores rurais de seus lugares e os “empurram” para as cidades. Errâncias e travessias entre idas e vindas, entre viver, conviver e o sobreviver.

2- CENÁRIOS, CENAS, ATORES NO CAMPO DO GERAL: SERTÃO, GERAIS, SERTANEJOS!

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d’agua e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covão em trecho de matas, terra preta, pé de serra. Miguilim tinha oito anos, (GUIMARAES ROSA, 1984:13).

A concepção do tempo, da paisagem do campo geral, da mata, da terra preta, dando início a novela apresenta a relação nas esferas da percepção visual e da

³ Termos utilizados por João Guimarães Rosa para identificar os habitantes das veredas e dos gerais, no livro J. GUIMARAES ROSA CORRESPONDENCIA com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri, 2.ed. São Paulo:1981.

⁴ O escritor explica o termo Campo Geral: “ — explorando uma ambigüidade fecunda. Como lugar, ou cenário, jamais se diz um campo geral ou o campo geral, este campo geral; no singular, a expressão não existe. Só no plural: “os gerais, os campos gerais”. Usando, então, o singular, eu desviei o sentido para o simbólico: o de plano geral (do livro).” .Esta citação encontra-se no livro J. GUIMARAES ROSA CORRESPONDENCIA com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri, (p.58).

⁵ Utilizaremos abreviatura JGROSA para identificar o João Guimarães Rosa, considerando que o escritor sempre fazia questão de registrar seu nome completo.

experiência, de quem olha e vive no espaço e da esfera afetiva onde se processa, re-processa, modifica as possibilidades de apreensão dos sentimentos, dos fatos, e das experiências.

O Mutum é o espaço onde se passa os dramas, interações dos personagens nos Gerais de Minas: o Burity-do-Urucuia, terra do pai de Miguilim, Quartel-Geral-do-Abaeté, terra de sua mãe; Vila-Risonha-de-São Romão, onde vive seu irmão mais velho com o irmão de sua mãe o tio Osmundo Cessim e a cidade de Curvelo, terra do Dr. José Lourenço, onde Miguilim vai morar na esperança de melhorar a vida.

A percepção da paisagem do Mutum, vai perpassar o olhar do indivíduo e sua sensação de pertencimento e de sentimento com o lugar. Proporcionando o estudo do espaço vivido, enquanto lugar de afetividade, de experiência. São os homens, as mulheres, as crianças, os cheiros, as histórias de vida que humanizam e individualizam os espaços, transformam as paisagens que formam os lugares. "... alguém que já estivera no Mutum, tinha dito : ___É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre... ", (JGROSA,1984:13).

Mas na continuação da mesma citação, há uma interpretação diferente, agora de alguém que sempre viveu no Mutum. "... mas sua mãe, que era linda e com cabelos pretos e compridos, se doia de tristeza de ter de viver ali...Oê, ah, o triste recanto...",(ibidem,p13).

"—Tio Terêz, o senhor acha que o Mutum é lugar bonito ou feioso ?

—Muito bonito, Miguilim; uai.Eu gosto de morar aqui,"(ibidem :16).

As percepções de um mesmo grupo, ou das diversas pessoas, podem ter códigos de valores comuns a todos aqueles que dele fazem parte, mas a formação mental das imagens que são a leitura dos fatos só pode ser realizada por uma pessoa. O grupo torna-se uma referência: de um lado, elementos de identificação (valores, ações comuns, crenças) que o indivíduo partilha com os demais membros; de outro lado, um sentimento de pertencimento, um lugar de referência, um abrigo que acolhe.

Rouchy (2001), faz distinção entre os grupos de pertencimento, que classifica como primários e secundários. O grupo primário ou natural seria essencialmente a família ou o núcleo familiar no qual a criança viveu sua primeira infância. Que não é um mundo fechado, pois se liga a outros grupos de pertencimento. Assim, toda família

está rodeada e determinada por grupos étnicos, religiosos, de classe social e outros. Segundo o autor, o grupo de pertencimento primário é a matriz na qual se molda a identidade singular, ao mesmo tempo em que faz os “seres grupais”.

Aquele que diz que o Mutum é bonito lá não vive já esteve por lá e aquela que diz que o Mutum é um triste recanto é de lá, vive seu aqui nestes Gerais, junto com a família e sente as dificuldades de sobreviver no sertão. E o tio Terêz de Miguilim manifesta seu gostar do Mutum pelo simples fato de ser o lugar onde ele mora, única referência de lugar, portanto ‘*muito bonito*’.

Miguilim, o personagem central desta trama roseana, entre a diversidade das opiniões, se o lugar que vive é belo ou feio faz então sua primeira afirmativa: "No começo de tudo, tinha um erro..."⁶(CG:15). E no desenvolvimento das cenas, os acontecimentos vão mostrando para ele que no cerrado, onde se encontra os Gerais, a vastidão de terra, os oásis das veredas com buritis, causam pensamentos que “não cabiam no tempo”, (CG:60).

É no bioma cerrado que encontra-se o sertão dos Gerais ou os Gerais ou Campos Gerais⁷, com seus chapadões, com grandes extensões de terra entremeados por Veredas. Espaço composto de paisagens naturais e culturais que povoam os territórios das gentes do sertão em um universo rural, rústico tomado pela força da ação da relação homem/natureza.

Beiravam as veredas, verdinhas, o buritizal brilhante. Buritis tão altos. As araras comiam os cocos, elas diligenciavam (...) Começava o mato(...). Mas entravam a pasto a fora,(...) carecia de se ir em rumo da casa do vento... O cerrado estava cheio de pássaros. Moitas enorme, coberta de flores amarelas. E o sol batia nas flores e no garrote, que estava outro amarelo de alumiado.— Miguilim, isto é o Gerais! Não é bom?, (CG:126-127-128).

Este estudo do sertão de Minas Gerais, através de uma novela de João Guimarães Rosa, pressupõe a compreensão dos conceitos de espaço, do território, da paisagem e do lugar com significados polissêmicos.

⁶ O Livro Campo Geral e Estória de Amor, Miguilim e Manuelzão- 9ª edição da editora Nova Fronteira em 1984. Todas as citações utilizadas neste trabalho se referem a essa edição e serão indicadas pela abreviatura CG e pelo número da página.

⁷ No livro J. Guimarães Rosa Correspondência com seu tradutor Italiano Edoardo Bizzarri; JGROSA assim define os Campos Gerais: “Você sabe, desde grande parte de Minas Gerais (Oeste e sobretudo Noroeste), aparecem os “campos gerais”, ou “gerais”- paisagem geográfica que se estende, pelo Oeste da Bahia, e Goiás (onde a palavra vira feminina: as gerais), até ao Piauí e ao Maranhão. O que caracteriza esses GERAIS são as chapadas (planaltos, amplas elevações de terreno, chatas, às vezes serras mais ou menos tabulares) e os chapadões (grandes imensas chapadas, às vezes séries de chapadas),” (BIZZARRI,1980,p.22).

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por ator(...).O espaço é 'prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN,1993:143-4).

A apropriação do território enquanto espaço vivido pelas percepções que os indivíduos, grupos, sociedades tem dos lugares nos quais estabelecem relações singulares e fazem o processo de construção das representações de imagens do espaço geográfico, promovem a necessidade de entender que a paisagem e o espaço são categorias diferentes:

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima [...]. A paisagem é, pois um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável; o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente, (SANTOS, 1999:83).

A organização socioeconômica na novela Campo Geral, tem como base o pastoril. As atividades dos vaqueiros são a referência no espaço sertanejo. A paisagem descrita das casas, da alimentação, de crianças com fome, do trabalho árduo na roça e com o gado, de rezas, plantas, bichos do cerrado, demonstram sistemas de símbolos, signos e significações na vida social e espacial sertaneja.

São estes sistemas materiais e de valores que formam e fazem as localizações com significados. Para Yi-fu Tuan(1982), o homem através da emoção e do pensamento simboliza uma relação com o lugar com uma gama de significação humana. O lugar torna-se então o mundo da experiência, das descobertas, da ligação com objetos físicos, dos símbolos na criação da identidade. A memória, as vivências, as percepções são, portanto as práticas espaciais e temporais representadas e percebidas nas sutilezas, nas singularidades e nas complexidades do cotidiano.

O Ser, inundado pela lembrança espacial imemorial, transcende o Vir-a-Ser; ele encontra todas as memórias nostálgicas de um mundo de infância perdida. Será esse o fundamento da memória coletiva, de todas as manifestações de nostalgias dependentes de lugar que infectam as nossas imagens...? (HARVEY, 2001:201).

Miguilim, vive no cenário de um lugar perdido entre tantos nos Gerais de Minas,

que ele aceita e gosta com naturalidade e onde no seu dia-a-dia as suas cenas e as suas imagens vão possibilitando o aprender com as experiências de crescer entre os elementos da natureza entre o mundo da infância que habita e o mundo dos adultos que convive e começa a decifrar. É a formação da identidade do sertanejo dos Gerais que, entre o presente, as lembranças, as nostalgias e as pequenas alegrias, vai descrevendo o real nos lugares de vida e nos imaginários do sertão.

Mãe, a gente então nunca vai poder ver o mar, nunca?” Ela glosava que quem-sabe não iam não, sempre, por pobreza de longe. — “A gente não vai, Miguilim” —o Dito afirmou; — “Acho que nunca! A gente é no sertão. Então por que é que você indaga?” — Nada, não, Dito. Mas às vezes eu queria avistar o mar, só para não ter uma tristeza...” (CG: 94-95).

O menino pobre dos gerais percebe então as limitações dos que vivem entre errâncias no sertão e do sertão: a dificuldade de acesso à terra, as tarefas praticadas pelas diversas categorias de trabalhadores rurais ligados a plantação de culturas de subsistência e a criação de gado: vaqueiros, meeiros, roçeiros, enxadores, tomadores de conta das terras. As contradições sociais e econômicas com os donos de fazendas e de grandes criações de gado. “Iam para onde iam”,(CG : 21).

Os personagens de Campo Geral são pessoas simples dos Gerais, sertanejos e sertanejas que reproduzem nas suas práticas sociais e espaciais o real e o imaginário nos mundos natural e social no cotidiano. Famílias sertanejas que vivem e convivem com a errância, entre trabalhos em lavouras e criação de gado em propriedades de outros durante tempos provisórios. “...se vê falta tudo, muita míngua, ninguém não olha p’ra este sertão dos pobres...”, (CG : 42).

As práticas espaciais segundo Corrêa(2001), são as ações que causam impacto diretamente sobre o espaço, resultado dos padrões culturais do indivíduo, dos grupos e das sociedades. As práticas sociais e espaciais fazem que o sentimento de pertencimento ao lugar seja substituído pela vontade de itinerância à outros lugares, que permitam a possibilidade de tentar uma vida com alguma qualidade.

Como o pai ficava furioso: até quase chorava de raiva! Exclamava que ele era pobre, em ponto de ser quase miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terras ali não eram dele, o trabalho demais, e só prejuízo sempre acabava não podendo nem tirar para o sustento da família (...) Que de pobre iam morrer de fome, (CG:55-56).

Em Campo Geral, as práticas espaciais cotidianas são percebidas e vividas pelos personagens que as representam nas condições precárias de trabalho, de saúde, de habitação, percebidas e vividas que impõe tempos de desesperança. Tornando a saída do sertão uma opção de sobrevivência, ao mesmo tempo que entre lembranças, sonhos, narração de estórias vivem o imaginário que habita o cotidiano sertanejo e provoca o sentimento de pertença pelo lugar.

3- PRÁTICAS ESPACIAIS EM CAMPO GERAL: VIVIDO, PERCEBIDO E IMAGINADO.

Dito e Miguilim, personagens do Campo Geral, vivem entre o real das dificuldades de sobrevivência e as percepções das divergências do mundo dos adultos. Miguilim contava, se carecer de esforço, estórias compridas, que ninguém nunca tinha sabido, não esbarrava de contar, estava tão alegre nervoso, aquilo para ele era o entendimento maior”(CG: 104). Cultivam no cotidiano⁸ o imaginário, onde vão criando e narrando estórias. Preservam e respeitam rezas, tradições e superstições. E se surpreendem com o desconhecido. A lua é o lugar mais longe que se pode existir. O mar é percebido como o impossível de conhecer:

“Mãe, que é que é o mar, Mãe?” Mar era longe, muito longe dali, espécie duma lagoa enorme, um mundo d’agua sem fim, Mãe mesma nunca tinha avistado o mar, suspirava. – “Pois, Mãe, então mar é o que a gente tem saudades?” (CG: 79).

Os personagens do Campo Geral se conhecem, mantêm laços de reciprocidade social, tradições coletivas, interagem com o mundo natural nas brincadeiras com bichos e plantas e na utilização de remédios com plantas do cerrado. Dessa forma, pode-se apreender processos culturais e sócio-ambientais que atuam em um nível coletivo, na escala pessoal. Na memória das crianças, dos adultos e dos velhos ficam as imagens, os cheiros, as lembranças de veredas, buritis, chuvas, luares e de sonhos não realizados.”[...] o cheiro gostoso, de terra sombreada [...] nunca ia poder ter um lugar assim [...] e a enxada capinando, se suave”, (CG:132).

Na vida coletiva sertaneja, são nomeados pessoas, bichos, rios, riachos, córregos e árvores. Nomes de Veredas, de vaqueiros, parentes próximos e distantes.

⁸ O cotidiano como categoria de análise neste estudo das relações espaciais está intimamente ligado à construção da percepção, pela consideração da experiência como um dos seus elementos fundamentais.

As pessoas do lugar olham com estranhamento outras pessoas que não são do “Mutum”. Para Carlos Brandão (1988), assim é feita a reprodução e recriação da vida camponesa e de seus símbolos. “Procurava, procurava, nas distâncias, nos escuros da cabeça, ia se lembrando, ia achando”, (CG: 118). Constituindo um mapa do real baseado no estar, no lembrar, no habitar o lugar na perspectiva da memória.

As práticas espaciais na casa, na roça, na mata, nas veredas, com outros sujeitos do cotidiano juntamente com as relações sociais com grupos mais distantes geograficamente e socialmente, são vividas, percebidas e muitas vezes imaginadas ou idealizadas. “Eis porque o universo dos territórios do imaginário, assim como os do cotidiano parecem ser, ao mesmo tempo, restritos e abertos; concêntricos em volta do bairro e de sua capela e descentralizados”, (BRANDÃO, 1995:167).

Harvey (2001), citando Lefebvre propõe práticas espaciais em três dimensões:

1- As práticas espaciais materiais que garantem a produção e a reprodução social. O espaço vivido; 2-As representações do espaço através da compreensão dos signos e significados. O espaço do percebido; 3-Os espaços de representação que são as invenções mentais. O espaço do imaginário. São formas de representação do espaço com produção e reprodução das relações de produção.

Refletir o espaço enquanto vivido, percebido e imaginado, pressupõe o conceito de percepção de acordo Chauí (2000), enquanto uma experiência com sentido que faz parte da vivência da história do sujeito e dos seus mundos no cotidiano e no imaginário.

Uma paisagem, por exemplo, não é uma soma de coisas que estão apenas próximas uma das outras, mas é a percepção de coisas que formam um todo complexo e com sentido: o vale só é vale por causa da montanha, cuja altura e distancia só podem ser avaliadas por que há o céu, as árvores, um rio e um caminho [...] essa paisagem será um espetáculo de contemplação se o sujeito da percepção estiver repousado, mas será um objetivo digno de ser visto por outros se o sujeito da percepção for um pintor[...].Na percepção, o mundo possui forma e sentido e ambos são inseparáveis do sujeito da percepção, (CHAUÍ, 2000:122).

A percepção fragmenta através da observação os fatos, as pessoas e as situações. A imaginação cria um objeto por inteiro, sem parte. Para Bachelard (1988), a imaginação é um mundo onde aprendemos alternativas do possível e ao imaginarmos continuamos com “devaneios” mas sempre no nosso real.

Contemplar sonhando é *conhecer*? E *compreender*? Não é, *decerto, perceber*. O olho que sonha não vê, ou pelo menos vê numa outra visão. A imaginação tenta um futuro[...]. Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser neste universo que é o nosso. (BACHELARD, 1988:8-167)

Considerando-se a dialética da concepção dos espaços entre a percepção, a imaginação e o vivido, Harvey (2001), sugere como “vínculo mediador” das relações das práticas espaciais vividas, percebidas e imaginadas o conceito de *Habitus* de Bourdieu:

Como o *habitus* é a capacidade infinita de engendrar produtos-pensamentos, percepções, expressões, ações - cujos limites são fixados pelas condições históricas e socialmente situadas de sua produção, a liberdade condicionante e condicional que ele garante está tão distante de uma criação da novidade imprevisível quanto o está de uma reprodução mecânica simples dos condicionamentos iniciais, (BOURDIEU In: HARVEY, 2001: 202)

Nesta perspectiva o *habitus* vai sendo adquirido pelo indivíduo no processo de socialização enquanto sistema de disposições que são: as atitudes, as percepções, o sentir, o fazer e pensar. A interiorização destas disposições constitui o fato essencial nas relações em grupo na medida que valores, comportamentos aprendidos são considerados naturais, óbvios.

A criação e a inovação fazem parte do “lado ativo do conhecimento prático” de que fala Pierre Bourdieu, o conhecimento e o domínio das ações que se constituem em *hábitos cotidianos* têm o seu lado ativo, ou seja, produzem ação, não apenas reproduzem repetição. A espontaneidade é uma característica dominante do cotidiano.

Com base nestes pressupostos teóricos são analisadas as dimensões do espaço buscando compreender o processo de elaboração do valor simbólico dos lugares e dos espaços pelos personagens de Campo Geral e a materialização do processo social da migração campo-cidade no sertão mineiro que continua fazendo parte do cotidiano das populações sertanejas do Gerais. “Os lugares, o Mutum se esvaziavam numa ligeireza, vagarosos”(CG: 11).

QUADRO 1: AS DIMENSÕES DO ESPAÇO NA NOVELA CAMPO GERAL

DIMENSÃO	PRÁTICAS ESPACIAIS:	REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO:	ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO:
	O VIVIDO	O PERCEBIDO	O IMAGINADO
APROPRIAÇÃO E USO DO ESPAÇO	<p>O sertão; Os gerais, Os campos gerais; Os animais: as vacas, os touros, os tatus, cavalos, galinhas e porcos; As Culturas de subsistências: milho, mandioca, arroz, feijão; Os Pastos vastos; o berrante; a chuva.</p>	<p>O Lugar: o Mutum nos Gerais; A Paisagem natural de Veredas com Buritizais; Os vaqueiros; os meeiros, os enxadores, o tomador de conta da terra; O espaço das mulheres na casa, na cozinha, na horta; As Relações da família nuclear através da percepção de Miguilim; Miguilim e seu irmão Dito na descoberta do mundo dos adultos entre experiências e convivências; Os pastos verdes e os tempos melhores após a chuva.</p>	<p>A cidade de Curvelo como representação da possibilidade de melhoria de vida; Os sonhos de Miguilim e Dito em serem donos de terra e de gado: donos do Mutum e de boiadas; As lembranças de Miguilim do irmão Dito após sua morte das lições sobre a vida; Miguilim que não gostaria de ser adulto; A memória de Miguilim como contador de estórias por ele inventadas.</p>
DOMÍNIO E CONTROLE DO ESPAÇO	<p>O Seo Brízidio Boi-dono das terras no Mutum; O Pai; Nhô Bernardo-Tomador de Conta das terras no Mutum; Os fazendeiros vizinhos: Seu Aristeu; Seu Deográcias; Vó Izidra no domínio do espaço da casa; A Beleza da mãe de Miguilim.</p>	<p>As rezas, rezar o terço, as novenas; A arrumação do presépio; O castigo; As brincadeiras com pássaros, cavalos, bois e as plantas do cerrado; O Aboio. A saída de Tio Terez em função do seu amor pela mãe; A volta do Tio Terez ao Mutum após a morte do pai.</p>	<p>A realização dos pedidos através das promessas; A concepção das pessoas estranhas no Mutum; Os pensamentos de Miguilim sobre a lua e o mar. Os pensamentos de Dito sobre o mundo dos adultos; As pragas de Vó Izidra em relação às crianças que não obedecem; Os sentimentos de Vó Izidra sobre a relação da mãe com o tio Terez.</p>

PRODUÇÃO DO ESPAÇO	<p>A família nuclear; A reciprocidade social entre os moradores próximos no Mutum; A estratificação social e espacial em função das categorias de trabalho na roça e com gado; As moradias simples, a alimentação baseada na agricultura de milho, arroz, feijão e mandioca; Os remédios feitos com plantas do cerrado; O <i>redondo de Pedrinhas</i> com roupas e objetos de Dito enterrados; Os óculos do Dr. José Lourenço; O suicídio do pai de Miguilim; A migração do campo para a cidade.</p>	<p>A preocupação do pai de Miguilim em que ele aprenda a ler, escrever e fazer contas para melhorar de vida; O trabalho de Miguilim na roça com o pai; A descoberta da miopia de Miguilim; Miguilim e Maitina enterram objetos do Dito e cobrem com pedras e plantam flores e chamam o lugar Redondo das Pedrinhas; O assassinato pelo pai do Luisaldino com ciúme da mãe e seu suicídio no meio do cerrado; A migração do irmão mais velho que já mora na Vila-Risonha de São Romão.</p>	<p>Ir para a cidade de Curvelo e lá esperar por todos os outros membros da família; Miguilim e Dito imaginam-se adultos e donos de terras, e grandes boiadas; Miguilim com os óculos do Dr. José Lourenço vê um novo lugar e de modo diferente; O cuidado com o <i>Redondo de Pedrinhas</i> como representação do lugar para rezar pelo Dito; A punição do pai através da morte pelos seus atos em vida. A mãe que decide que Miguilim vai para Curvelo e que fica a imaginar uma ida de todos da família também.</p>
---------------------------	--	---	---

FONTE: Quadro elaborado por PAULA, Andréa M.N.R.de, 2005, com base na tabela 3.1 Uma “grade” de práticas espaciais inspirada em Lefebvre no livro *Condição Pós-Moderna* de David Harvey, 2001: 203.

No Quadro 1, oferecemos uma representação de forma simples das principais dimensões das práticas sociais em relação aos cenários, às cenas, aos atores sociais na novela campo Geral. Harvey (2001), relaciona as dimensões pensadas com forma de apreensão do espaço. Nossa apropriação do espaço é nossa ocupação seja de coisas e habitantes. Nosso domínio do espaço é feito através das instituições que utilizam as relações de poder para determinar e delimitar o espaço e produzimos o espaço na nossa representação no real e no imaginário.

O viver sertanejo é um contínuo ir, entre as dimensões das práticas espaciais. A doença e logo depois a morte do irmão Dito, os castigos impostos pelo pai, a volta por alguns dias do irmão mais velho da cidade, a tristeza da mãe, o trabalho duro na roça,

a realidade do amigo Grivo de não ter comida, vão criando em Miguilim a vontade de sair do Mutum.

Desde muito tempo Miguilim não senhoreava alegria tão espaçosa[...]pensamento forte que formou: o de uma vez poder ir também embora de casa[...] Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar[...], (CG: 131)

A percepção do lugar de Miguilim permanece com o sentimento de pertencimento com o Mutum, mas com a ida de outros membros da família para a cidade, com as perdas sofridas no lugar de afeto, com o mundo da experiência mostrando a dura realidade da sobrevivência sertaneja, provoca a vontade de migrar para o espaço da cidade. Partir dos gerais, do sertão, do Campo Geral.

Descobre-se a miopia de Miguilim, a necessidade de usar óculos. E no seu último dia no Mutum, olha e vê pela primeira vez com os óculos de quem o leva para a cidade, novas percepções das imagens do lugar. E afirma então que o Mutum é mesmo bonito. Mas é na cidade, em Curvelo-MG que existe a possibilidade da educação, da saúde, do trabalho. A família incentiva à migração e fica a expectativa dos que ficam no sertão, de logo todos poderem ir também.

-“Você mesmo quer ir?” Miguilim não sabia. Fazia peso para não soluçar. Sua alma, até no fundo, se esfriava. Mas Mãe disse:
_Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve o poder para te dar. Vai. Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram...(CG: 140).

Na capanga da viagem, Miguilim levava farofa de galinha e doce-de-leite que a Rosa preparara e as lembranças de todos reunidos para sua despedida. Afirma para si, que todos são bons no Mutum. Na memória carrega as imagens dos matos escuros, da casa, do quintal, do gado pastando, do verde dos buritis nas veredas, dos cachorros, do papagaio, dos que já não estavam no Mutum: o irmão Dito e o seu pai. Não sabe definir seu sentimento entre a tristeza da partida e a alegria da viagem que pode ser o início de uma vida nova.

Mãe é o mar?[...] É muito longe?”[...] “Mãe, mas por que é então, para que é, que acontece tudo?!” [...] Compreender no meio do sentir, mas um sentimento sabido e um compreendido adivinhado. Tudo tão misturado e macio, não se sabia bem, parecia que o dia tinha outras claridades. *Sempre alegre Miguilim...*, (CG: 113-133-141-142).

4- ERRÂNCIAS SERTANEJAS: AS MIGRAÇÕES CAMPO-CIDADE⁹.

Sertão, grande, lugares conquistados, sagrados. Paisagens de Cerrado, de matas fechadas, chapadões, de representações no tempo do vivido, do representado e do pensado, do imaginado. O Polígono das Secas¹⁰, parte da região do Nordeste brasileiro e do semi-árido. Engloba a região Nordeste do Brasil e o Norte e Nordeste de Minas Gerais. É o lugar onde a cultura sertaneja é composta de lendas, tradições, saberes regionais, características rurais e permanentes movimentos migratórios em busca de trabalho. É lugar do grande sertão, lugar de conflitos de terras, lugar da indústria da seca. É também o lugar das políticas públicas que objetivaram a transformação da região e não transformaram a qualidade da vida da população sertaneja.

As imensas terras sem fim do sertão de JGROSA é o sertão mineiro. O Estado de Minas Gerais foi considerado como maior exportador de mão-de-obra no Brasil na década de 70 e 80, concentrando nas regiões Norte e Nordeste do Estado, os lugares de maiores saídas de trabalhadores sazonais, principalmente, para o interior do Estado de São Paulo e para região mineira do Triângulo Mineiro. Os trabalhadores sazonais, em sua maioria, são transportados em condições irregulares e recebem míseros salários. Muitos são mantidos como escravos, em cativeiros, trabalhando para pagarem dívidas de medicamentos, alimentação e moradia. Deixam famílias inteiras para trás. As chamadas “viúvas de maridos vivos”, que passam a tomar conta da terra, dos filhos e vivem a esperar pelo companheiro e pelo rendimento que este espera receber.

No lugar de onde eu vim, a terra para plantar é pouca porque há muitas fazendas de criação e o gado toma conta de toda a terra e bebe toda a água. Mas o gado dá carne, dá dinheiro. E assim, as fazendas são grandes e sobra pouca terra para os pobres plantar, (PIERSON, 1972:63).

As migrações sempre ocorreram como forma de tentar reproduzir o capital que, com a seca, a industrialização do campo, tornou-se inviável. Na tentativa de

⁹ As informações e dados a partir desta parte do trabalho, referente as migrações campo-cidade na região do Norte de Minas Gerais são resultado da pesquisa para a Dissertação de Mestrado: A Integração dos Migrantes Rurais no Mercado de Trabalho em Montes Claros no Norte de Minas: *A esperança de Melhoria de Vida*. Apresentada por PAULA, Andréa M.N.R. de, autora deste trabalho, na Universidade Federal de Uberlândia no instituto de Geografia em 30 de maio de 2003.

¹⁰ O Polígono das Secas (ocorrência de secas periódicas), que faz parte do semi-árido brasileiro (que representa 18% do território nacional), possui uma área estimada em 1.083.709,7 Km². Conferir no site www.desert.org.br, acesso em 2/04/2005.

permanecer no meio rural migra apenas o chefe da família, tornando, assim, a mulher, responsável pela terra e filhos, enquanto o homem segue “correndo trecho” em busca da “*tar melhoria de vida*”.¹¹

Para Da Matta (1983), a migração sazonal corresponde à busca do mundo da rua, para possibilitar a melhoria no mundo da casa. Como se as relações familiares ficassem estáticas durante todo o período de migração dos trabalhadores.

[...] de fato, a categoria rua indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares.[...] Mas a rua implica uma certa falta de controle e um afastamento. É o local do castigo, da “luta” e do trabalho. Numa palavra, a rua é o local daquilo que os brasileiros chamam de dura realidade da vida. (DA MATTA, 1983: 14).

O período de concentração da migração sazonal no Norte de Minas Gerais acontece entre os meses de abril a dezembro, geralmente quando o migrante passa a desempenhar trabalhos de plantio e colheita agrícola, principalmente, nas lavouras de café e cana-de-açúcar.

Os membros da família que permanecem ficam para cultivar a terra cuidam do **mundo da casa**. Os que saem para o **mundo da rua** sonham e buscam retornarem para a casa, ou seja, tanto os que partem, como os que ficam, querem estar no mundo da casa e a migração só acontece em função da necessidade de enfrentar a “dura realidade da vida”, quer seja a ausência dos entes queridos, quer seja o trabalho quase sempre mal remunerado e em péssimas condições.

A concepção de lugar torna-se importante para contextualizar a migração. O lugar é a casa, as relações de família, a terra, o município de origem, as raízes, enquanto o espaço, as idas e vindas, significam o mundo, o trabalho temporário, a possibilidade, a expectativa, à vontade de retornar sempre para o lugar da casa. “São 40 milhões de migrantes no Brasil- Pessoas que vivem fora do lugar em que nasceram. Quantos desses saíram para voltar? Quantos são os que pensam que chegaram a seu destino, como aqueles que encontrei, e que estão partindo de novo?,” (MARTINS, 1988: 2).

¹¹ Frase repetida diversas vezes nos relatos dos migrantes rurais durante a pesquisa de campo, que representa bem a esperança da vida melhorar na cidade.

O Jornal Estado de Minas, na edição de 08 de julho de 2001, divulgou o que foi chamado de “Mapa da Fuga”. Os jornalistas chamam atenção para a continuação da migração do Norte de Minas para outras regiões do País, em situação irregular de trabalho, e com salários míseros, deixando também parentes em extrema pobreza, aguardando a volta com “algum dinheiro”. A reportagem do Jornalista e escritor Luiz Ribeiro analisando a “fuga” de milhares de migrantes rurais do Norte de Minas para outras regiões do país demonstra que a principal rota é para Palmas/Tocantins (Quadro 2).

Os dados sobre as rotas migratórias no período de dezembro de 2000 a junho de 2001 divulgados pela Associação dos Municípios da Área Mineira da Sudene-AMANS, utilizados pela reportagem, demonstram também a diminuição da população em vários municípios da região. São famílias que deixam o campo, e são muitas as empresas que chegam para apropriar do espaço.

“Vinha gente estranha dos Gerais[...]de muito redores[...] Com o escuro das estrelas nas veredas a notícia tinha corrido. O Mutum estava cheio de gente”,(CG: 103-109-110).

QUADRO 2
Destino e Ocupação pretendida pelos Migrantes do Sertão Mineiro

LOCAL DE DESTINO	OCUPAÇÃO PRETENTIDA
São Paulo (capital)	Qualquer trabalho
Ribeirão Preto e interior de SP	Corte de cana
Campinas-SP	Emprego em hortifrutigranjeiros
Brasília (DF)	Trabalho doméstico, sitiante
Goiás (Formosa)	Trabalho na agricultura
Mato Grosso do Sul (Rio Brilhante)	Corte de cana
Pará	Trabalho em fazendas de gado e retirada de madeira
Tocantins	Pessoas que querem investir em algum negócio

FONTE: Adaptação de PAULA, Andréa M.N.R. de. Com base no Jornal Estado de Minas, Encarte: Gerais, do dia 8 de julho de 2001.

No início do século XXI a migração continua ocorrendo, sempre em busca da integração com o mercado de trabalho. Os trabalhadores oriundos do meio rural, camponeses, pequenos produtores, cidadãos de aglomerados rurais de pequenos municípios do interior, possuem maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, mas continuam na procura de espaços, em “busca de algum tipo de rendimento”. A sobrevivência de milhares de famílias ainda é os constantes deslocamentos espaciais, sem direito às escolhas de para onde ir e quando voltar.

Conforme se observa na Figura 2, a rota da fuga acumula cerca de 80 mil pessoas, desde de dezembro de 2000, se deslocando do Norte de Minas para outras regiões. Vários são os municípios que tiveram diminuição da população.

A migração sazonal é uma estratégia dos trabalhadores de manutenção na terra e de reproduzirem enquanto grupo social, permanecendo camponeses. “Vão trabalhar em terras alheias para poderem continuar ligados à sua, viram empregados por uns tempos para poderem continuar para sempre camponeses”. (RIBEIRO, 1996:32).

A migração sazonal sempre condicionada aos trabalhadores do Norte de Minas, agora já não é a modalidade migratória mais freqüente nos municípios norte-mineiros. Os trabalhadores rurais em suas idas e vindas começam a fazer a opção de migrar dentro da própria região. Ressalta-se que as migrações para as capitais, o interior de São Paulo e novos pólos no Norte do Brasil, continuam a ocorrer, mas as migrações intra-regionais, confirmadas pelo censo 2000, tornaram-se mais constantes.

As migrações continuam a ocorrer em busca de trabalho, seja temporário ou permanente (Figura 2). Muitos migrantes retornam para a região. Os trabalhadores voltam ao sertão mineiro quase sempre desprovidos de recursos financeiros e de motivação e não regressam aos seus municípios de origem.

A urbanização dos municípios aconteceu e acontece em grande parte aos deslocamentos espaciais dos trabalhadores entre o rural e o urbano; tantos são os trabalhadores que migram pela primeira vez do campo para a cidade, quanto aqueles que em sua maioria já migraram antes para outras regiões e agora resolvem

permanecer em sua própria região, mas não em seus municípios de origem. Diversidade de pessoas que procuram o mesmo objetivo: trabalho, emprego.

Os problemas estruturais locais são fenômenos globais, mas que manifesta suas particularidades no lugar. Considerando Santos (1999: 12), "cada lugar é a sua maneira, o mundo", ou seja, um fenômeno global, manifesta-se também no local. A uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade.

Aos pobres, os não-naturais das cidades, restam a tentativa apenas de sobreviver, porque bem-estar é um sonho que vai ficando cada dia mais distante.

A produção e a reprodução do capital estão num lugar e a reprodução da força de trabalho está fundamentalmente em outro lugar. A reprodução da força de trabalho está parcialmente separada da produção e reprodução do capital. A reprodução da força de trabalho não corresponde à recriação do capital variável e não se dá, em grande parte, no mesmo processo de trabalho e de valorização em que se reproduz o capital constante e se extrai a mais-valia, (MARTINS, 1988: 55).

Conseqüentemente, a migração continua a ocorrer em função da reprodução do capital que cada dia se dá no "mercado de forças produtivas" na cidade. As atividades vinculadas à agricultura familiar são poucas, impulsionando a saída para o meio urbano como *locus* de produção de oportunidades de trabalho. O campo se esvazia de famílias de pobres e a cidade se metropoliza de miséria.

Ao migrante que retorna a sua região, sempre fica o desejo de que nesse "novo" lugar, agora na sua própria região, haverá novas oportunidades. As políticas públicas de emprego e renda no meio urbano transformam-se em **esperança** de melhoria de vida e os programas do meio rural não passam de **expectativas**. As expectativas e esperanças se confundem e muitos são os trabalhadores que sentem grandes frustrações em permanecer na cidade. "...*Eu vou e vou e vou e vou e volto! Por que se eu for. Por que se eu for. Hei de voltar,*" (CG: 66).

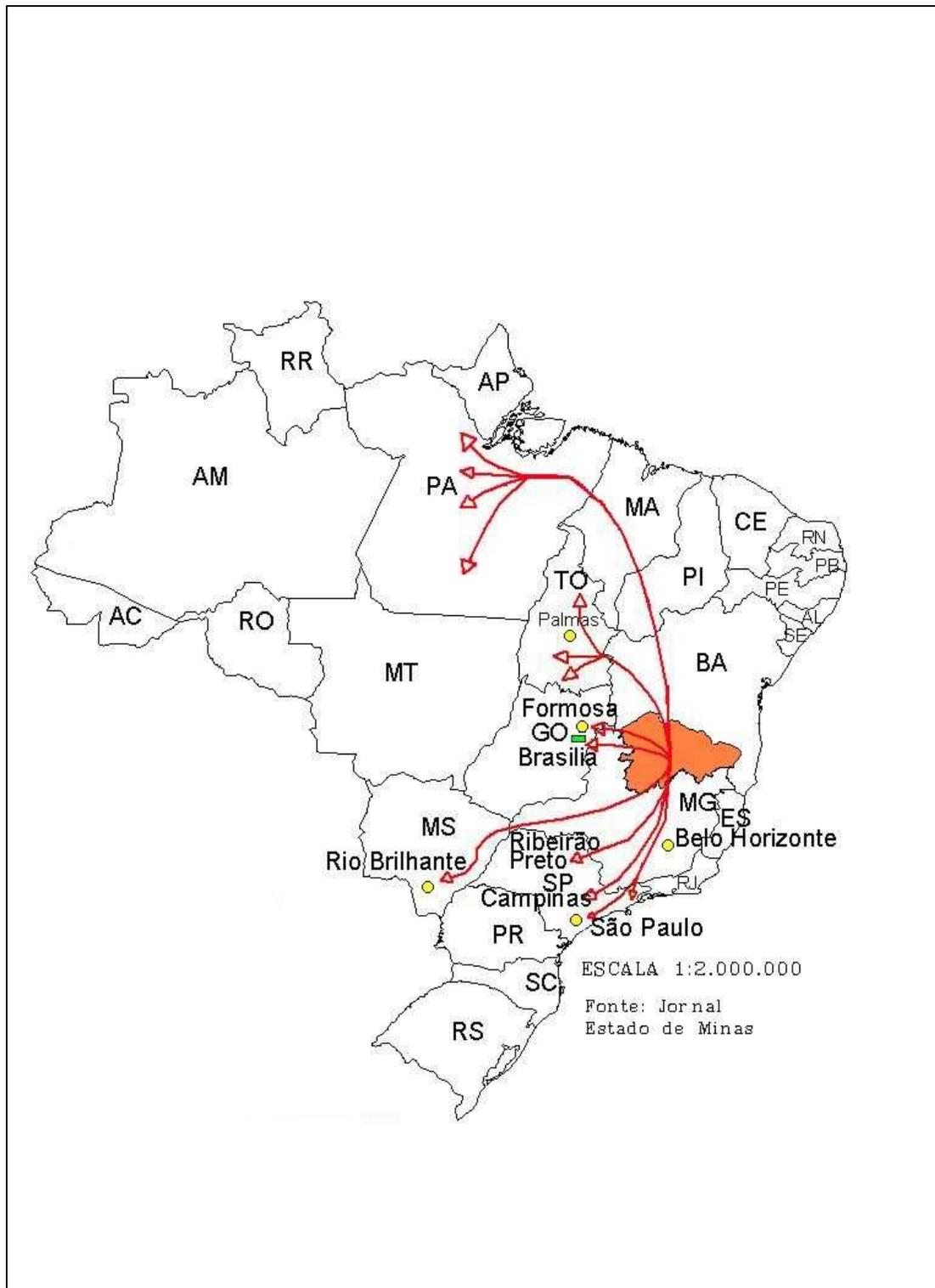


FIGURA 2- Principais Rotas das Migrações de Trabalhadores do Norte de Minas Gerais/ 2000.
FONTE: Adaptado por PAULA, Andréa M.N.R. de, do Jornal Estado de Minas Gerais (Cadernos Gerais, ed. 08.jul.2000:16).

5- TUDO MISTURADO: MUNDO RURAL E MUNDO URBANO.

Velhos mapas e cartas que guiaram os seres humanos pela vida individual e coletiva não mais representam a paisagem na qual nos movemos, o mar em que navegamos. Em que não sabemos aonde nos leva, ou mesmo aonde deve levar-nos, nossa viagem. (HOBSBAWN, 1995:23).

As modificações no campo e na cidade introduzem novas formas de contextualização do rural e do urbano. “As cidades não se transformam, pois, em sua maioria persistem como centro de organização do meio rural e não possuem vida própria”, (QUEIRÓZ, 1969:15). Entre o meio rural e meio urbano sempre haverá diferenças embora “[...] não mais devido a sua localização no espaço e a sua forma de habitat, e sim devido às peculiaridades da organização do trabalho”, (Ibidem, 1969: 6).

Para a geógrafa Ana Fani A. Carlos (1999), a cidade é a materialização das condições gerais do processo de produção, dadas as seguintes características: a segregação espacial; tendência do espaço urbano de (re)produzir e ampliar a distância entre o local de moradia e o local de trabalho e o espaço urbano se reproduzir na contradição e luta.

A reflexão sobre a concepção social de cidade, conforme Weber (1973), remete a um local de comércio e inserção do excedente produzido, por meio de um aparato legal e político que controla as atividades produtivas e a circulação das mercadorias.

A urbanização brasileira transformou grandes centros urbanos com características rurais e também áreas rurais com características urbanas: Pesque-pague e hotéis-fazenda são exemplos de novas atividades não agrícolas no campo. Mendras (1969: 9) cita que o meio rural se define em função da cidade, sendo necessário distinguir algumas características do meio rural como: submissão ao espaço, confusão de papéis econômicos e sociais, mudança e penetração pela sociedade global.

Para Durham (1984), a migração se apresenta como um capítulo do desenvolvimento do capitalismo industrial e agrícola. A racionalidade instrumental associada à modernidade tecnológica resulta no incremento das desigualdades regionais e na constituição de grandes metrópoles.

Os migrantes rurais em busca de sobrevivência, são forçados a desistirem de sua “identidade”. Segundo Ortiz (1989), a identidade se define em relação a algo que lhe é exterior. Ela é uma diferença. A identidade possui uma dimensão interna, simbólica, não basta sermos diferentes, é necessário nos identificarmos como diferentes. Brandão(1986), define que a constituição da identidade explica o sentimento pessoal e a consciência da posse de uma realidade individual que torna cada um sujeito único diante de outros eus; e é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade: a consciência de minha continuidade em mim mesmo

Os norte-mineiros possuem tradições, credos, crenças que se apoiam na transmissão de uma cultura regional baseada na construção simbólica de uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos.

Esses contextos históricos são construídos através de relações culturais que perpassam relações de poder. A região sempre foi definida por políticas tradicionalistas para os grandes proprietários de terra que pressionaram e pressionam os pequenos agricultores e trabalhadores rurais, através de péssimas condições de trabalho e total impossibilidade de acesso à terra.

Aos pobres fica apenas a opção de migrar. Se nas décadas de 60 e 70 o destino era principalmente São Paulo, hoje o destino é a sua própria região. A escolha de para onde migrar resulta da possibilidade da procura pelo “desenvolvimento! Mais próximo de casa”.

Como diz um migrante em um depoimento: “A gente procura na verdade é o moderno. A cidade tem médico, dentista, luz, televisão, um montão de prédio (sic). Sei que tem muita gente, que tá difíci (sic), mas tem muita chance, prá quem quer vencer.”

¹². O moderno é definido como a busca do desenvolvimento, a busca da melhoria. Para Harvey, de acordo com Bermam, a modernidade é:

Uma modalidade de experiência vital - experiência do espaço e do tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida-que é partilhada por homens e mulheres em todo mundo atual. Denominarei esse corpo de experiência “modernidade”. (...) ser moderno é ser parte de um universo em que como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”, (BERMAM In: HARVEY, 2001:21).

¹² Depoimento de migrante rural ambulante na Praça Dr.Carlos, centro de Montes Claros, vendedor de mercadorias do Paraguai, para terceiros.

Portanto, a procura também do moderno, associado a busca de bens de serviços vitais para a sobrevivência mínima, leva os trabalhadores a percorrerem espaços perto e longe, caminhos entre o sertão, cortando o sertão, trechos. Segundo Harvey “A única coisa segura na modernidade é a sua insegurança”, (2001:20).

O processo de mobilização de bens, pessoas e informações no interior da sociedade, junto com a diferenciação da divisão social do trabalho, definem *status* e papéis sociais que serão desempenhados de acordo com a qualificação e de forma “livre” e racional pelos sujeitos sociais.

A ação de migrar, de partir, é racional no sentido das poucas possibilidades de sobreviver no campo. Mas, a busca da modernidade é ilusória, a partir da constatação do “simulacro” nas cidades.

A realidade no Norte de Minas, especificamente dos migrantes rurais, demonstra a miséria extrema que a maioria sobrevive no caos urbano do progresso técnico da modernidade.

A inserção no mercado de trabalho urbano continua difícil. A baixa escolaridade, qualificação deficiente e profunda discriminação social impedem a entrada no mercado formal de trabalho. A expectativa de um mundo novo nas cidades não se concretiza, pelo contrário, a realidade é dura, fria. O mundo novo para milhares de pessoas que buscam apenas o sobreviver nas cidades torna-se um perverso drama social.

Assim, tacitamente ameaçados, estamos imobilizados. Dentro de espaços sociais condenados, locais anacrônicos. Que se autodestroem, mas onde temos o estranho e apaixonado; desejo de permanecer, enquanto o futuro se organiza, debaixo de nossos olhos, em função de nossa ausência já programada de maneira mais ou menos consciente, (FORRESTER, 1999:135).

Montes Claros é a cidade pólo da região do Norte de Minas Gerais. Para lá, muitos trabalhadores rurais migrantes chegam em busca da modernidade, do desenvolvimento, da qualidade de vida. Como o personagem Miguilim em sua ida para Curvelo, saindo do Mutum, sente a dúvida entre permanecer e partir, os novos Miguilins sertanejos encaram as práticas sociais e as reproduzem entre o vivido, o percebido e o imaginado.

Distinguem os lugares, dos espaços e dos não-lugares¹³. Passam a entender na percepção individual, no mundo da experiência do cotidiano as dificuldades e incertezas da vida urbana. “Tudo tão misturado e macio, não se sabia bem, parecia que o dia tinha outras claridades”, (CG:133).

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENVERENDANDO, ALGUMAS CLARIDADES...

“Ô ninho de passarim, ovinho de passarinhar: Se eu não gostar de mim, quem é mais que vai gostar?”, (CA:137).

A base da reprodução da vivência afetiva pode ser analisado pela tríade indivíduo-identidade-lugar. O Quadro 3 demonstra a perspectiva dos migrantes sertanejos na identificação dos espaços, lugares e não lugares nos mundos do rural e do urbano. Procurando refletir junto à novela de JGROSA: Campo Geral, os laços entre aqueles que são dos Gerais, a interação com a natureza, a reprodução de representações sociais e espaciais abordados na perspectiva do indivíduo através do olhar da convivência, do trabalho e da participação.

Homens, mulheres, crianças, famílias inteiras do interior do sertão mineiro, chamado pelo sertanejos de campos Gerais, Gerais de Minas, fazem no correr da vida, a sua existência no passar dos dias, que se cria, se imagina, se percebe, se sente, se lembra e interpreta a vida. A materialização dos processos sociais, culturais, espaciais na vida diária das pessoas, recria o modo de vida dos sujeitos em função das modificações que também são sujeitos, embora quase sempre sejam coadjuvantes.

[...] reconhecer, entretanto, o legado ambíguo dos mitos da natureza pelo menos nos faz admitir que a paisagem nem sempre é mero “local de prazer” – o cenário com função de sedativo, a topografia arranjada de tal modo que regala os olhos. Pois esses olhos [...] raramente se clarificam das sugestões da memória. E a memória não registra apenas bucólicos piqueniques. (SCHAMA, 1996:28).

A interação entre o visto e o vivido pelas populações errantes do sertão mineiro influi no olhar para o lugar, na construção de sua imagem e de seu valor carregado de sentimento e pela memória. “A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança”, (CHAUÍ, 2000:128).

¹³ A utilização do termo não-lugar reporta-se a Paul Claval, citando Augé,1992;Relph,1976 e em 1981. “(..) em face a estas áreas onde só se lêem geometria as mais frias, os grupos acham-se esvaziados de conteúdo. Eles não conseguem se enraizar ao território para construir suas identidades “”, (CLAVAL,2001,p.318).

QUADRO 3¹⁴-

Articulação Entre os Espaços da Vida: *Convivência, trabalho e participação*

ESPAÇOS-Haver	LUGARES –Ser	NÃO-LUGARES-Ter
Passado O homem e os elementos da natureza O Ambiente Natureza Natural- O Rural	Memória; lembranças, re-viver; Cultura Vivência e representação Diversidade e integração Cultura –Identidade. A roça, a cidade.	Futuro sem passado Aculturação; Reprodução de consumo de massas; Espaços Públicos- Cidades médias, grandes cidades, metrópoles.
Participação no real; relação e oposição	Convivência no real: subjetividade e experiência.	Trabalho no real: criação da natureza artificial
Sociedade versus natureza: paisagem natural e paisagem cultural. Rural e Urbano: Modos de trabalho.	Natureza e Sociedade: cenários e cenas O Rural e O Urbano. Modos de vida.	Representações Sociais simbólicas arbitrarias da natureza e sociedade Rural e Urbano- Modos de produção e reprodução do capital.

FONTE: Quadro elaborado por PAULA, Andréa M.N.R. de, autora, através da abordagem do Professor Carlos R. Brandão em aulas ministradas na UFU no primeiro semestre de 2005.

A vontade permanece em habitar o lugar no rural, no sertão, mas a necessidade leva aos deslocamentos temporários ou permanentes para os espaços das cidades. Nas cidades vão encontrar espaços e não lugares. Entendendo o não-lugar como lugares de passagem, como aeroportos, estradas, supermercados, local de trabalho, onde não existem uma relação ou mesmo uma identidade com o indivíduo.

Portanto a essência da designação de lugar estar atrelada à afetividade, logo, a uma percepção individual. Assim se estende como conceito de Não-lugar, uma vez

¹⁴ O quadro é fruto das abordagens feitas pelo Professor Carlos Rodrigues Brandão nas aulas da Disciplina: TÓPICOS ESPECIAIS EM GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO: Os gerais, o cerrado, os sertões – paisagens e cenários de vida e trabalho no Norte de Minas e na obra de João Guimarães Rosa. No 1º semestre de 2005 nos meses de fevereiro a julho. Ministrado na Pós-graduação em geografia na Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Geografia.

que, estabelecido o homem no mundo, seu juízo de valoração e afetividade está em constante mutação e estabelecimento em qualquer espaço, tornando-o um ser que precisa desenvolver suas expressões sensitivas para compreendê-lo.

Na oposição permanente entre o mundo interior, subjetivo, e o exterior, racional, objetivo, pode-se definir a percepção espacial e a formação de imagens e conceitos sobre o lugar em uma perspectiva cultural. No processo de construção, re-construção da identidade dos migrantes rurais no mundo do urbano, a concepção de lugar, da paisagem enquanto construção humana e portanto cultural, torna fundamental para entender os relacionamentos humanos em interação com os espaços.

Os ofícios e olhares dos sertanejos, como forma de viver e compreender o mundo, carregados de tradições, memória e saberes das gerações passadas, os ligam ao lugar e a natureza comum aos habitantes do sertão dos Gerais, mas começam também a se interessar pelo mundo tecnológico, o universo do urbano. “É a cultura, a convenção e a cognição que formam esse desenho; que conferem uma impressão retiniana a qualidade que experimentamos como beleza”, (SHAMA, 1996 : 22).

A estória de uma família no sertão mineiro, cuja as normas se desenham conforme a precariedade social do lugar narrada em Campo Geral, marca a cultura sertaneja da década de 50 entre a interação do homem e a natureza. O mundo do campo já sofria transformações vindas da cidade que modificaram drasticamente o Gerais do sertão. Modos de vida, espaços, lugares do Campo Geral, tornaram-se não-lugares.

A modernidade transformou o cerrado de veredas com buritis em territórios de « **Nonada** » onde as plantações extensas de soja, café, eucaliptos não matam a fome do sertanejo, servem na verdade como valor de mercado por trocas de capital. O sertão vira um imenso território do vazio.

Vaqueiros, boiadeiros tornam-se migrantes, boias-frias, carvoeiros. Os Gerais do presente reproduz as relações sociais e espaciais capitalistas e « *o sertão de dentro* » narrado por JGROSA torna-se narrativas dos mais velhos e preservado na memória de sua obra.

Miguilim, o personagem central da novela Campo Geral, investigada neste trabalho descobre que tem miopia e que necessita de óculos para olhar o mundo de outra forma. As trilhas e caminhos roseanos mostram que é possível ainda que o homem perceba sua miopia na relação com a natureza e procure colocar os óculos e

olhar através da cultura e dos conhecimentos dos vários saberes das habitantes sertanejas e da própria natureza a urgência em perceber, imaginar para conhecer, conviver e sobreviver na relação homem/natureza. É uma simplória metáfora, que poderia e deveria ser uma **travessia!**¹⁵

“___ Miguilim, este feixinho está muito pesado para você?” “___ Tio Terêz, está não. Se a gente puder ir devagarinho como precisa, e ninguém não gritar com a gente para ir depressa demais, então eu acho que nunca é pesado...” (CG :37).

7- REFERÊNCIAS :

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo : Martins Fontes, 1988.
- BERMAN In: HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória-Sertão*. São Paulo: Cone-Sul/UNIUBE, 1998.
- _____. Do sertão a cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional. In: MESQUITA, Z., BRANDÃO, C.R. (orgs.). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1995.
- _____. *Identidade e Etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.p.38.
- BORDIEU, In: HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2000, p.201-203.
- BIZZARRI, Edoardo. *J. GUIMARAES ROSA CORRESPONDENCIA com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*, 2.ed. São Paulo: 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Mágia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio P. Rouanet. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléia. *Cultura e Desenraizamento*. In: BETTO, Frei (org)). *Utopia Urgente: escritos em homenagem a Frei Carlos Josaphat nos seus 80 anos*. São Paulo: EDUC, 2002. p.23-34.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). *Novos Caminhos da Geografia*, São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. A mundialidade do Espaço. In: MARTINS, José de Souza. *Henri Lefebvre e o Retorno da dialética*. São Paulo: Hucite, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12.ed. São Paulo: Ática, 2000.

¹⁵ Este trabalho é fruto das pesquisas que estão sendo desenvolvidas no doutorado em Geografia pela autora PAULA, Andréa M.N.R.de. Sob a orientação do professor Carlos Rodrigues Brandão na Universidade Federal de Uberlândia no Instituto de Geografia. Sob o título: TRAVESSIA ENTRE OS TEMPOS E ESPAÇOS DO SERTÃO: *Ruralidades e o ser migrante nas margens do Rio São Francisco-Norte de Minas Gerais*.

- CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- DA MATTA, Roberto. *A Casa e A Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1991.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da Cidade*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. São Paulo: Unesp, 1997.
- HABERMAS, Jurgen. Para o uso pragmático, ético e moral da razão prática. *Revista de Estudos Avançados da USP*. São Paulo. V7.n.3,set/dez.1989.p.4-19.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX-1914-1991*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 9 ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- MARTINS, José Souza. *O Cativo da Terra*. 7ªed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- Revista Montes Claros em Foco*. Montes Claros. Editora Ataliba Machado Ltda. 1979.
- MENDRAS, Henri. A Cidade e o Campo. In: QUEIROZ, Maria Izaura.P(org.) *Sociologia Rural*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.p-33-76.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972. Tomo I e II.
- QUEIROZ, Maria Izaura. (org.) *Sociologia Rural*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Atica, 1993..
- RIBEIRO, Luiz. O Mapa da Fuga. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, Edição de 08 de julho de 2001. Caderno Gerais, p-16.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães. *Lembranças da Terra; Histórias do Mucuri e jequitinhonha*. Belo Horizonte: Segrae, 1996.
- ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim (Corpo e Baile)*. 9.ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROUCHY, J. C. Identificação e grupos de pertencimento. In: ARAÚJO, J. N.G. e CARRETEIRO, T. C. Cenários sociais e abordagem clínica. São Paulo: Escuta, 2001.
- SHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção*. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- WEBER, Max. Conceito e Categorias de Cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- UNGER, Nancy Mangabeira. *Da Foz a Nascente: O recado do Rio*. São Paulo: Campinas, Cortez/UNICAMP, 2001.
- TUAN, Y Fu. *Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência*. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.